

Página Principal APA

Tema do Congresso

Programa

Inscrição no Congresso

Eventos

Organização

Informação Útil

Patrocinadores

Localização



**INSCRIÇÃO
ONLINE NO
CONGRESSO**

[Ficha de inscrição](#)

Qualquer assunto relativo ao congresso deve ser tratado através do seguinte endereço de e-mail

congresso.apa@ics.ul.pt

(secretariado do congresso – em funções a antropóloga Raquel Carnevalheira)

**IV Congresso da Associação Portuguesa de Antropologia
"CLASSIFICAR O MUNDO"**

**De 9 a 11 de Setembro de 2009
ICS e ISCTE, Lisboa**

PAINÉIS

PAINEL CONVIDADO X

A NATUREZA HUMANA E OUTRAS – UM BALANÇO SOBRE A MULTIPLICIDADE DE PERSPECTIVAS ANTROPOLÓGICAS.

Dia 10 Set

11:030/13:30

15:30/17:30

SALA C2.01 ISCTE

COORDENAÇÃO

Mark Harris, Un. St. Andrews, Escócia (mh25@st-andrews.ac.uk)

Enric Porqueres i Gené, EHESS/LAIOS, França (Enric.Porqueres@ehess.fr)

Amélia Frazão Moreira, FCSH – Universidade Nova de Lisboa, CRIA (amoreira@fcsih.unl.pt)

RESUMO

Nos últimos anos, a natureza tem vindo a ser pensada e reconceptualizada de variadas formas. Uma dessas formas assenta na ideia de que a natureza não devia ser analisada como uma realidade à parte. Outra vertente que ganhou renovada expressão – face ao debate clássico das classificações na antropologia – repensa modos de compreender as diferentes classificações do mundo social e natural. Uma abordagem que ganhou igualmente expressão teórica baseia-se em reflexões etnográficas sobre a complexidade dos modos nativos de conceber e lidar com a natureza. Esta última perspectiva contribuiu para um retorno de questões fundadoras da própria antropologia, tais como a natureza da humanidade. De facto, o conceito de natureza humana voltou de modos inesperadamente produtivos em debates sobre parentesco, por exemplo, especialmente

no estudo de novas tecnologias reprodutivas. Neste painel partimos destas linhas de reflexão sobre a renovação do pensamento antropológico sobre a natureza para fazer uma espécie de balanço sobre a posição actual em que nos encontramos: Em que ponto estamos actualmente? O que é que estas reformulações nos trouxeram de mais produtivo? Poderemos encontrar diferenças entre, por exemplo, as abordagens marcadas pelas tradições francesa, anglo-saxónica e lusófona? Haverá alguma possibilidade de aindairmos a considerar a natureza (humana ou não-humana) como um domínio autónomo? As comunicações propostas para este painel poderão seguir este conjunto de ideias ou mesmo alargar o escopo do debate para campos ainda mais vastos, tais como a distinção entre as percepções coloniais e pós-coloniais sobre a natureza, explorando as formas diversas de a mapear e documentar cientificamente.

COMUNICAÇÕES

Hortência: natureza humana, cultura e diferença em um romance amazônico

Carmem Izabel Rodrigues, Universidade Federal do Pará, Brasil (cir@ufpa.br; cisbel@yahoo.com.br)

Este trabalho é uma proposta interdisciplinar de analisar algumas articulações entre linguagem literária e linguagem sócio-antropológica, como duas formas de expressão, diferentes em suas motivações e objetivos, mas complementares em seus resultados, e através das quais os sujeitos-atores sociais buscam explicar/interpretar as sociedades e culturas – reais e/ou fictícias – que constituem seu objeto de análise. Partimos de um romance naturalista, Hortência, de Marques de Carvalho, cujo tema, o desvio social – tema antiquado, mas recorrente, tanto na literatura quanto nas ciências sociais – nos ajuda a pensar sobre algumas formas de representação da diferença – social, racial, sexual – assim como sobre as diferentes "falas" através das quais as relações de oposição e complementaridade entre natureza humana e sociedade podem ser enfocados, seja pela via romanceada da ficção literária, seja pela descrição pretensamente objetiva do cientista social, especialmente quando o escritor-romancista pretende ser, também, um narrador de acontecimentos reais.

"Naturalmente Social ou Socialmente Natural? (Notas para uma investigação sobre novos selvagens ocidentais)."

Paulo D. Mendes, CRIA, UTAD (paulo.mendes@utad.pt)

Numa abordagem ecológica poderíamos, eventualmente, até dizer que as poeiras têm uma vida social. É certo que elas fazem parte da nossa experiência e que, por isso, são parte da vida que vai acontecendo. Nesta medida poderemos perguntar se faz sentido continuarmos a pensar com a dicotomia cultura/natureza. Esta é uma questão bem presente na antropologia de hoje. Autores como Tim Ingold, Kay Milton, Bruno Latour, Viveiros de Castro ou John Knight (só para mencionar alguns), encontram na tentativa para ultrapassar aquela dicotomia cartesiana um caminho para um novo paradigma que reintegre ecologicamente o social. Trata-se, afinal, de compreender o que parece ser estritamente humano num enquadramento maior, o da biosfera. Encontro-me, neste momento, a preparar uma investigação sobre indivíduos/grupos que procuram "formas de vida alternativas" (sejam elas chamadas de neo-rurais, neo-hippies...) que tem como objectivo central estudar como o ambiente, a paisagem, a natureza é percebida por estes indivíduos. Proponho assim apresentar uma comunicação que situa as preocupações contemporâneas da antropologia com a dicotomia natureza/cultura e, simultaneamente, esboça um projecto de investigação sobre grupos que, por vezes, se auto-intitulam de "novos selvagens".

Parentesco, sazonalidade e marés empovoados ribeirinhos de Afuá, estuário do Amazonas
Rita Pestana, ICS - Universidade de Lisboa (nim_ha@yahoo.co.uk; rita.pestana@ics.ul.pt)

O município de Afuá, localizado no estuário do rio Amazonas, Brasil, é uma região de várzea, inundável periodicamente tanto sazonal, quanto diariamente pelas marés. Composto por numerosas ilhas e cursos de água, na sua zona rural, os habitantes ("ribeirinhos") vivem em casas de palafitas ao longo dos rios e igarapés e praticam actividades económicas (tais como a pesca, extracção do açaí e palmito e o cultivo da roça) que dependem das opções de cada um e dos ciclos das águas. Na organização do trabalho – a linguagem social que entrelaça o meio-ambiente nas vidas humanas - centrada na residência, o parentesco assume um papel importante. Neste contexto, também de estação para estação a paisagem muda drasticamente: casas e terrenos podem desaparecer completamente nas águas, fenómenos geralmente associados à "Cobra Grande" ou a outro "encantado" associado à natureza. O objectivo desta comunicação é contribuir para a reflexão do pensamento antropológico sobre a natureza e sobre as relações entre o social e o natural, partindo de reflexões etnográficas sobre um contexto ainda não anteriormente estudado, tanto pela rarefação de estudos antropológicos na região sobre a temática do ambiente, quanto de estudos em regiões de várzea com influência tanto de inundações sazonais, quanto de maré. Para esta reflexão, partiremos da questão: como os "ribeirinhos" moradores de um rio de uma zona rural do município de Afuá, designada localmente por "região de rio morto", percebem o ambiente (terra, cursos de água, animais e plantas), entrelaçando as suas vidas nas temporalidades do meio onde habitam?

Usar e relatar é também classificar. Diferenças sociais no conhecimento etnobotânico, categorização de plantas e concepções da natureza

Amélia Frazão-Moreira, CRIA, FCSH- Universidade Nova de Lisboa

Ana Maria Carvalho, CIMO e Instituto Politécnico de Bragança

Usar e relatar é também classificar. Práticas de uso e explicações das características das plantas implicam procedimentos de denominação, identificação e distinção, em processos de classificação que evocam percepções locais e "científicas" da natureza. A pesquisa etnográfica e etnobotânica, realizada em duas áreas protegidas do Norte de Portugal, permitirá equacionar a classificação do mundo natural enquanto processo de acção.

Diferentes conhecimentos e princípios classificatórios, seleccionados e lembrados em situação artificial de recolha (metodologia de "pile sorting") mostram a variabilidade social do processo cognitivo de categorização de plantas baseada em diferenças sociais de idade, género, escolarização, competências profissionais e experiências individuais. Parte desta diferenciação pode ser interpretada à luz das alterações de práticas económicas e sociais e da imposição de reconceptualizações da natureza.

Mudanças na apropriação dos recursos naturais, transformação das percepções locais do mundo vegetal, fixação do património local, conhecimento fluído e procura institucionalizada dos saberes ecológicos tradicionais, são assim dinâmicas recentes e, por vezes, aparentemente opostas que "classificam" o mundo rural português.